

OS DISCURSOS SOBRE O URBANO JUAZEIRENSE FEITOS PELO ICVC (1974-1985)

Assis Daniel Gomes

Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), bolsista PIBIC-URCA, membro do LABIHM (Laboratório de Imagem, História e Memória).

Introdução

A cidade de Juazeiro do Norte¹, emancipada em 1911, possuía um lugar de destaque dentro da realidade social e religiosa do estado do Ceará. Tendo como seus principais representantes nos embates da política cearense: Padre Cícero Romão Batista e Dr. Floro Bartolomeu da Costa. A partir da década de 50 do século XX esse espaço urbano começou a ter um grande impulso em relação ao seu crescimento demográfico, chegando à década de 1970 a verificar um acréscimo de 39.573 pessoas² em 10 anos³.

Nessa época a cidade se transformava e seus habitantes reclamavam uma estrutura social, educacional e entre outros

¹ Localizada no interior do Ceará, tendo a história de sua fundação uma intrínseca relação com aspecto do sagrado. Pois, foi a partir do suposto “milagre da hóstia” que ocorreu com a beata Maria de Araújo, o então vilarejo começou a receber milhares de pessoas de toda a parte do norte do país que desejavam ver a manifestação. Para maior detalhe sobre esse acontecimento ver: DELLA CAVA, Ralph. **Milagre de Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

² Dados fornecidos pelo IBGE, acessado no ano de 2010.

³ Juazeiro foi fundada em 1911, nessa época tinha apenas 15.050 almas aproximadamente, enquanto que em 1950 a cidade possuía 56.146, ao chegar ao final da década de 70, na estatística feita e divulgadas pelo IBGE no ano de 1980, ela chegava a 135.620.

serviços básicos de sobrevivência. Essas inquietações tinham como finalidade a construção e renovação de um aparato que pudesse manter e favorecer, a essa crescente população, melhores condições de vida. Na década de 70 do século XX, o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC) foi fundado na cidade, especificamente no ano de 1974. Propomos verificar os discursos produzidos sobre a cidade no período de 1974 a 1985, levando em consideração que esse recorte está dentro dessas transformações econômico-sócias e da (re) estruturação que a cidade passou durante os anos de 1950-1980. Como também, consideramos esses anos propostos para análise os de maior atuação dos intelectuais juazeirenses em torno desse órgão. A partir disso, poderíamos pensar: Como o ICVC vai olhar para essa cidade?

A partir da década de 1920, um “novo regionalismo” ou construção de identidade passava a elencar procedimentos novos, destacava pontos e objetos antes esquecidos, marginalizados, procuravam dar sentido a fazeres e práticas que diferenciavam o Brasil dos outros países, “homogeneizavam-no”, construía imagens e discursos que levavam a uma legitimação e (re) invenção de certo censo de pertencimento da população ao país. Essa nova forma era motivada pelo dinâmico, “exótico” que passava a ter valor, pelas coisas consideradas genuínas, os rituais e manifestações vindas das localidades do interior, pois elas representavam naquele momento uma “verdadeira” identidade brasileira.

Para isso, entendemos que a construção de discurso, de buscar as particularidades regionais, dos elementos ditos

próprios e especificamente brasileiros na construção de sua identidade, promoveu a visita de pesquisadores em seus vários territórios na busca dessa singularidade, foi resultante do nascer de certa maneira de olhar o vivido e o passado. Segundo Albuquerque Junior,

O espaço perdia cada vez mais sua dimensão natural, geográfica, para se tornar uma dimensão histórica, artificial, construída pelo homem. As cidades em crescimento acelerado, a rapidez dos transportes e das comunicações, o trabalho realizado em meios artificiais aceleravam esta “desnaturalização” do espaço. O equilíbrio natural do meio é quebrado. Nas metrópoles se misturavam épocas, classes, sentimentos e costumes locais os mais diversos. Os espaços pareciam se partir em mil pedaços, a geografia entrar em ruína. O real parecia se decompor em mil planos que precisavam ser novamente ordenados por homens atônitos. Para isso de nada valiam as experiências acumuladas, pois tudo na cidade era novo, era chocante (2006, p.47).

Assim, as imagens sobre Juazeiro do Norte não seriam mais construídas com o dado olhar do observador que se colocava no lado de fora de seu território, de suas influências. Mas, agora seria produzido pelos seus, pelo seu próprio Instituto, por aqueles que a sentiam todos os dias em suas especificidades. O ICVC era detentor de uma “sensibilidade de causa” por morarem na cidade e procurarem construir algo que poderia, segundo eles, “engrandecê-la”.

Propomos aqui analisar os discursos produzidos sobre o urbano juazeirense por esse órgão. Apesar de que esse órgão

ainda funcione até os dias de hoje, escolhemos os primeiros anos de sua existência devido ao contexto social, econômico e cultural que a cidade vivenciava com a alta taxa de imigração e os investimentos na sua economia. Algumas questões nos nortearam a partir disso: 1- verificar a construção dos discursos sobre Juazeiro do Norte produzidos pelo ICVC; 2- analisar como esse órgão civil funcionava. Para isso, procuramos mapear a produção realizada por esse órgão sobre a cidade de Juazeiro do Norte contida em seu Boletim nos anos de 1974 a 1985.

Os Embates Discursivos na Conquista de uma Valorização do “Espírito” no Urbano Juazeirense

Em 1974 nascia, em uma reunião realizada na “sede da Delegacia Regional do Ensino” (BOLETIM, 1974, p.31), na cidade de Juazeiro do Norte⁴ o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC). Esse órgão civil tinha como finalidade “o incremento, na região do Cariri cearense, das atividades culturais de modo geral” (idem, p.36). Os seus idealizadores visualizavam a necessidade da instalação de um grupo que centralizasse estudiosos que buscassem olhar a cidade de Juazeiro do Norte e a região do Cariri cearense a partir de uma nova

⁴ Cidade do interior do Ceará, que devido a supostos “fatos extraordinários” saiu de uma situação de povoado em 1889 para a sua emancipação política em 1911 da cidade do Crato. Nesse embate político teve como principais líderes: Padre Cícero Romão Batista e Floro Bartolomeu da Costa. Esse espaço urbano na segunda metade do século XX tem o seu crescimento impulsionado pelo aumento do fluxo migratório e projetos que se propunham a desenvolver suas indústrias, comércio e artesanato.

forma, utilizando outros sentidos, buscando perceber determinados fatores além do econômico.

O Instituto Cultural do Vale Caririense, entretanto, não apenas veio, mas também vingou e medrou, e sob este aspecto, firmou-se, na ordem do tempo, como primeira e até hoje única sociedade de cultura, nesta cidade. E, se por algum motivo, vier a paralisar, a qualquer tempo, suas atividades, terá deixado, todavia, uma razoável folha de serviço prestado à cultura local e regional- folha de serviço que já se prolonga, ininterruptamente, por sete anos (Atas das sessões do ICVC, 1981, p.126).

Segundo o presidente desse órgão o senhor Joaryvar Mâcedo, o espaço urbano juazeirense e a região do Cariri deveriam ser olhados “sob o ângulo da Cultura” (BOLETIM, 1974, p.29). Por isso, um dos motivos mencionados pelos “fundadores” na criação em Juazeiro do Norte desse órgão seria a falta nessa cidade de uma “entidade” que procurasse trabalhar as coisas “voltadas as atividades do espírito” (idem). Levando em consideração que essa entidade foi fundada em um momento novo para o país, ou seja, em seu processo de (re) democratização, no fim da ditadura militar, no surgimento de novas perspectivas para a educação, economia e cultura. Esse órgão assumiu uma posição de luta e propagação da cultura caririense, “O Instituto Cultural do Vale Caririense é, nos dias luminosos que passam, um esplêndido pólo de Cultura, a atrair para o vale famoso as atenções e a admiração do Ceará que pensa, ao mesmo passo que nos manda luz e calor” (BOLETIM, 1981, p.120).

Entre as varias iniciativas realizadas pelo ICVC foi decidido que para realizar os fins almejados ele manteria um “intercâmbio com entidades congêneres” (ibidem, p.37), como também a criação de uma revista, biblioteca e “o culto á Historia do Brasil, do Ceará, e, especialmente do Cariri” (idem). A organização desse órgão em relação à categoria dos sócios estava assim esquematizada: Primeiramente, mencionavam os “Fundadores” como sendo os “primeiros” efetivos e responsáveis de uma forma direta pela manutenção do órgão, tendo a tarefa de presidirem e levarem a instituição, pois foram eles “que idealizaram e planejaram a entidade e assinaram a ata de sua formação” (ibidem); Os “Efetivos” obrigatoriamente deveriam morar na cidade de Juazeiro do Norte e participar efetivamente da instituição, tendo o direito de serem votados e votarem; Os “Honorários” eram aqueles que possuíam um mérito pessoal e “notáveis serviços prestados a pátria” (1974, p.37); Os “Beneméritos”, ajudavam de uma forma substancial na manutenção e permanência da entidade; E por fim, os “Correspondentes”, eram os que participavam e contribuía com o órgão e a concretização das finalidades homologadas em sua fundação, apesar de não residirem na “cidade do Padre Cícero”.

Tendo em vista que a criação desse órgão se deu em um período de intensas transformações na cidade, devido ao seu aumento populacional, que no ano de 1970 tinha 96.047 habitantes passando no ano de 1980 a conter 135.620⁵. Nesse cenário esse órgão buscou lançar outras visadas para a cidade,

⁵ Dados fornecidos pelo IBGE.

outras maneiras de ver e sentir o seu espaço, outra via sem ser investir na indústria e comércio, apesar de que apoiavam aqueles que a faziam, pois “a marcha do desenvolvimento econômico não pode parar” (1975, p.44).

Por isso, ao se congregarem em uma “entidade” que a princípio não tentou impor “cadeiras” e nem “patronos”, não construindo “imortais” e nem “fardões”, mas um grupo “aberto a todos aqueles de boa vontade e à altura” (1974, p. 30), e assim o ICVC se tornou singular. Não é que a organização dos outros institutos não fosse eficaz, mas procuravam abolir “a idéia da entidade do tipo acadêmico” (idem). Sendo dessa forma construída a diferença entre ele e os demais órgãos civis existentes na região do Cariri, como por exemplo, na cidade do Crato que tinha o Instituto Cultural do Cariri⁶. Colocavam-se como sendo os “primeiros”, aqueles responsáveis por plantar a semente em sua cidade, dessa forma entendiam que as “entidades específicas, como academia de Letras, Instituto Histórico, Sociedade de Folclore, Clube de Poesia, Instituto Genealógico etc, podem e devem, de futuro, funcionar aqui. Recordar-se, todavia: para tanto é imprescindível um lastro” (ibidem, p.30).

Essa “entidade”, como órgão civil, procurou congregiar em torno de si pessoas que buscavam e lutavam construir na cidade de Juazeiro do Norte um ambiente em que as coisas do “espírito” fossem valorizadas. Por isso, a sua finalidade

⁶ Órgão civil criado na cidade do Crato em 1953, tendo dentro de seu quadro de sócios “os intelectuais” cratenses, que tinha como “finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (ITAYTERA, 1955, p.181).

não era enquadrar esse grupo com o estigma de “intelectual (formação acadêmica)”, visando assim abrir a possibilidade de participação de uma maior quantidade de pessoas. Segundo as palavras do presidente do ICVC, a “palavra “intelectual” tomou, hodiernamente, elasticidade tal, que muitos não o sendo, são considerados como tais” (BOLETIM, 1974, p.29). Assim para ele, esse termo representaria a capacidade dos homens de pensar e construir arte, poesia, objetos materiais etc. Essa cidade, que para esses “intelectuais”, seria constituída pelo “romeiro”, já estava ansiando demasiada a criação de uma entidade cultural que pudesse dar maiores condições aos seus poetas e escritores, para fortalecer assim, os laços daqueles que produzem e vivem da “cultura”. Mas,

Agora, esta Juazeiro e seu povo alfabetizado têm o ensejo de mostrar o valor possuído, concernente às letras, o qual vivia em estado taciturno, cansado pela ausência de porta-vozes, que pudessem levar bem longe a outros povos, nossa aquisição de bens intelectuais ou morais.

De maneira que nosso Juazeiro está murmurante pelo surgimento esplendoroso do Instituto Cultural do Vale Caririense, prestando-se de maneira estrita a clarinar aos quatro ventos, produzindo sons fortes e vibrantes da DEUSA MIRACULOSA, que recebe, com bom modo, a todos que a procuram (BOLETIM, 1977, p.93).

A partir disso, acabavam legitimando a postura do instituto em relação aos seus sócios e colaboradores. Nesse entendimento, esse discurso era produzido por todos aqueles

que pretendiam a essa tarefa e que os jogos de poderes dentro desse campo se tornaram plurais, pautando-se pelas relações cotidianas. O Instituto Cultural do Vale Caririense buscava ir além daquilo praticado pelos institutos culturais fundados no Brasil no final do século XIX e início do XX, não queriam construir “imortais”, “patronos” e nem “fardões”, mas “um grupo de trabalho, com número limitado de sócios e por isso mesmo, aberto a todos aqueles de boa vontade e à altura” (BOLETIM, 1974, p.29).

Essa postura delineada pelos pressupostos acima elencados justificava a necessidade da criação do órgão dizendo que a sua criação foi “por necessidade e não pelo anseio mórbido de imitar outras localidades da hinterlândia nordestina, onde florescem associações culturais, como Cajazeiras, Crato, Sobral, Mossoró, Vitoria de Santo Antônio, Goiana e tantas outras” (idem, p.30). Por isso, para eles era inadmissível a cidade de Juazeiro do Norte sendo a maior em população do interior do Ceará não produzir uma entidade que buscasse tratar, incentivar e realizar ações em favor “da cultura”. E assim declarando o “Instituto Cultural do Vale Caririense não é de ninguém. Pertence a Juazeiro do Norte. Toda a comunidade está convidada a colaborar como for possível a cada um” (1974, p.31).

Olhando a cidade como “progressista” em suas relações econômicas e comerciais, o ICVC afirmava que ela precisava de um “desenvolvimento e aperfeiçoamento do seu potencial humano”, mencionava também a urgência em “projetar ainda mais Juazeiro do Norte”, esse era um apelo aos órgãos com-

petentes na administração pública. Juntamente a isso, esse órgão civil protestava o chamado, por eles, de uma atitude “descurada” que o juazeirense tinha com a dimensão intelectual e formativa da mão-de-obra na cidade. Ou seja, “temos descurado um tanto do que quanto, um outro tipo de luta. O da desenvoltura de trabalhos frutos do espírito e de essencialidades indiscutível para que se tenha completada a imagem de um verdadeiro progresso”(BOLETIM, 1974, p.35).

As memórias também estavam presentes em suas narrativas, as percepções de um tempo, os cheiros e sentidos dos espaços da cidade ainda estavam presentes. Esse passado que para esse lugar não era tão distante se transformava rapidamente em olhos vistos, as picaretas do progresso derrubavam prédios, (re) ordenavam lugares de lembrança, de uma afetividade pertencente a uma geração que não mais se via neles, mas que ele se tornava lugar de “monumentos” da saudade, de dias bons, de lutas juvenis e de uma época da infância. Mas, esse crescimento populacional e econômico da cidade para eles, movimentava e incentivava a aparição dos “vândalos de gravata”. Procuravam, também, lutar pela preservação de uma memória coletiva e prevenir a população de charlatões que estavam chegando nesse espaço urbano, e que acabavam enganando os juazeirenses com as suas conversas enganosas. Estava presente,

Aqui, em Juazeiro do Norte, para não ir mais longe, olhar de perto a Pedra de Amol que detinha os condenados à escuridão perpétua e foi transformada em jardim de infância, quantas coisas semelhantes entre

prédios e pessoas. O sobradão de João Batista, erguido em 1905, foi transformado na bela vivenda de um jovem casal rico e feliz. No antigo local do Motor de Disceu Inácio, lá está a nossa Escola Normal Rural, pioneira em todo o Brasil, fervilhante de alunas, qual viveiro de lindas aves humanas alegres e sonhadoras. O sobrado de Damiãozinho, começado em fins de 1913 e concluído em 1914, teve a sorte de um homem rico que tombou inerte, sem um ai de protesto, em plena via pública, vítima de um assalto de mão armada, e em seu lugar, nem mesmo a erva daninha tem medrado, como que num mundo de protesto às pegadas da passagem de uma horda destruidora ao comando de Àtila, “o flagelo de Deus”, homens com aspecto civilizado, na realidade vândalos de gravata (BOLETIM, 1979, p.43).

Considerações Finais

O Instituto Cultural Vale Caririense, criado em um tempo de rápida mudança na cidade, propõe-se pensar e realizar ações que fizessem progredir a dimensão do espírito que, para eles, não estava recebendo uma importância devida das autoridades públicas juazeirense. Seu boletim se tornava um espaço de divulgação cultural, de um lugar de apoio para reivindicações, para o “culto” de uma história da cidade, para a valorização dos poetas e escritores juazeirenses, para a congregação e consolidação de uma elite “intelectual” da terra. Em seus ousados objetivos queriam que esse órgão fosse “amado extremosamente como o Bétulo o era pelos povos antigos, em suma: admirado e respeitado assim como o Alcorão” (BOLETIM, 1977, p.94).

Esse desejo de efetivação era um anseio pela permanência pela busca de uma continuidade, segundo um de seus colaboradores e sócio, o professor Daniel Walker, em Juazeiro já se tinha começado vários jornais, mas não vingaram. Para ele,

Depois de <O REBATE>, que deixou de circular em 1911, plenamente realizado, quase uma centena de jornais e publicação congêneres circulou nesta cidade, razão porque passou a ser cognominada de <Cemitério de Jornais>. Porém o termo, em que pese toda a sua ironia não deixa de ser adequado, pois, de fato, os jornais de Juazeiro, com pouquíssimas e honrosas exceções, que continuam desafiando o tempo, estão todos sepultados, muitos tendo padecido prematuramente.

Se ainda existissem exemplares de todos os jornais que circularam em Juazeiro, esta cidade poderia instalar um museu especializado, uma hemeroteca, que passaria a funcionar como excelente fonte de pesquisa para os estudiosos do assunto (BOLETIM, 1977, p.03).

Portanto, esse órgão procurou efetivar um trabalho intelectual que procurava lutar a favor de práticas educacionais, seus discursos estavam repletos de expectativas, anseios de alimentar, de mudar a realidade sócio-cultural da cidade que há muito tempo estava sendo renegada. Quiseram dar visibilidade a sua cidade, lutando para o favorecimento da cultura, do apoio aqueles que já praticavam, mas ainda não tinha nenhum grupo que congregados em um mesmo ideal pudesse defender as suas causas. O ICVC veio olhar Juazeiro para o futuro, veio ver que no presente e no porvir a educação seria

o “remédio” que amenizaria as mazelas sociais, pois para eles, já estavam acontecendo na cidade devido o seu rápido crescimento econômico e populacional. A “fome de cultura” estava se alastrando em todos os lugares da cidade, não adiantava, para eles, a ação, a prática, o “empirismo” para resolver os problemas sociais da Cidade. Para eles somente um “Plano integrado” em prol do espírito iria favorecer a cidade e o novo tempo que a projetava para o futuro. Portanto, defendiam a construção de

Um plano integrado, contínuo e sistemático no qual se aplicam e controlam os métodos de investigação social, os princípios e as técnicas da educação, das finanças, da administração, da economia, com a integração da opinião pública, a fim de fundamentar uma cultura autêntica adequada à clientela, com metas e estágios bem seqüenciados, gerando em Juazeiro um desenvolvimento social, cultural e econômico (BOLETIM, 1975, p.43).

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O espaço em cinco sentidos: sobre a cultura, poder e representações espaciais. In. *Nos destinos de fronteiras: História espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.
- _____. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- _____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ª ed, Recife: FJN, Editora Messangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ARAUJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. (Tese de doutorado).
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: Sociologia de um Padre, antropologia de um santo*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- _____. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- _____. O mundo como representação. Tradução de Andréa Daher e Zenis Campos Rei. *Estudos avançados*. Revista de história. 11(5), 1991, pg.173-191.
- CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação).
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIXINHO, Nilton. *O sertão arcaico do nordeste do Brasil: Uma releitura*. Rio de Janeiro: IMAGO Ed, 2003.
- GUIMARÕES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o*

Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, n. 1, 1988, P.5-27.

LAGENEST, J.P. Barruel de. *Elementos de sociologia da religião*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2005.

MELO, Rosilene Alves de. O outro Juazeiro: Histórias das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. *Tendências: Caderno de Ciências Sociais de Universidade Regional do Cariri*, v.2, n.1, 2004, p.29-39.

OLIVEIRA, Almir Leal de. O cariri na cultura histórica do XIX. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. *História da educação – vitrais da memória*. Lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Ed. UFC, 2008, p.418-431.

_____. *O INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ANTROPOLÓGICO DO CEARÁ- Memória, representação e pensamento social (1887-1914)*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 2001. (Tese de doutorado).

OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci*. Fortaleza- Ceará: PREMIUS, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, nº. 16, 1995, p. 279-290.

_____. Cidades imaginárias: Literatura, História e sensibilidades. *Revista de História e estudos culturais*. Jan/fev/mar, v. 6, ano VI, n. 1, 2009, p. 1-12.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza belle époque: Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/MULTIGRA.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Juazeiro e caldeirão: Espaços de sagrado e profano. In: Souza, Simone de (org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p.345-380.

VIANA, José Italo Bezerra. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011 (Dissertação).